

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

Destaques, janeiro 2012

BRASIL E ESTADOS UNIDOS: CELEIROS MUNDIAIS

Segundo o conselheiro de assuntos agrícolas da Embaixada Norte Americana no Brasil, Bob Hoff, as duas maiores potências agrícolas do mundo - Estados Unidos e Brasil - estão prontas para alimentar o mundo. Destaca-se nesse desempenho a utilização de novas tecnologias para expandir a produção de alimentos sem abrir novas áreas.

Parceiros e concorrentes ao mesmo tempo, os países têm firmado parcerias para troca de tecnologias. Para o conselheiro norte-americano, a relação é benéfica. "Nada errado sermos concorrentes. Os países são parceiros e trabalham em equipe. Acho que no futuro vai haver ainda a oportunidade para trabalharem para melhorar a produção de alimentos, a tecnologia", citou.

Atualmente, cientistas brasileiros e norte-americanos já trocam experiências por meio de uma parceria estabelecida entre o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa). "Buscamos outras áreas que possamos trabalhar em conjunto, como na agrobiotecnologia", complementou.

O que o impressionou foi à recente visita ao Estado de Mato Grosso estado que disputa com o Paraná a liderança da produção de grãos no país. O Brasil nestes últimos 20 anos aumentou essa produção em cerca de 180%; esse desempenho está ocorrendo muito mais pela adoção tecnológica do que pela incorporação de novas áreas de vegetação nativa, o que viabiliza o desenvolvimento econômico com a sustentabilidade.

O BRASIL E A AGRICULTURA TROPICAL

Por três décadas o Brasil se empenhou a construir e consolidar uma moderna Agricultura Tropical. Como resultado, hoje, o país não apenas ostenta a liderança em Pesquisa & Desenvolvimento na área, como também a capacidade desta agricultura em revigorar terras, fazendo-as produzir com a regularidade necessária para a conservação das cadeias produtivas.

A partir desse movimento, a inovação tecnológica gerada no país adquiriu abrangência internacional e o papel da Ciência & Tecnologia ganhou destaque como instrumento da política externa brasileira, sobretudo no fortalecimento do diálogo com países do hemisfério sul e do continente africano.

Um exemplo disso foi o Workshop "Capacitação para Transferência de Tecnologia em Defesa Agropecuária" realizado em Brasília (DF) para representantes de 15 países. O evento foi realizado pelo Projeto Inovação Tecnológica para Defesa Agropecuária (InovaDefesa) em conjunto com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e a Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação, Unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao MAPA.

A cooperação internacional, no âmbito técnico, representa um importante instrumento de desenvolvimento econômico e social. Ela auxilia determinado país a dar impulso nas mudanças estruturais nos seus sistemas produtivos, como forma de superar gargalos. Portanto, podemos pensar a cooperação como uma espécie de intercâmbio de experiências, onde os países encontram soluções de seus problemas a partir de uma base compartilhada de assistência. No Brasil, esse trabalho já acumula quatro décadas de atuação em conjunto com parceiros comerciais e organismos internacionais.

A moderna agricultura tropical brasileira destaca-se cada vez mais em duas áreas. A primeira nos constantes recordes de produção e produtividade. A segunda na exportação de tecnologia agropecuária para a faixa tropical do planeta.

ETANOL PASSA A SER OPÇÃO NO MUNDO

Nos anos 70, em função de dois choques no mercado do petróleo, tendo como pano de fundo motivações políticas, o Brasil lançou um programa para produção de álcool

combustível em larga escala. Na época, o país era altamente dependente do petróleo importado, pois o que se produzia nem chegava a abastecer 15% do mercado nacional. O Proálcool esbarrou em vários obstáculos, passando até por descrédito junto à população. Mesmo assim o etanol mostrou na prática ser um combustível adequado para substituir a gasolina, de forma integral ou parcialmente. A adição do álcool anidro à gasolina começou a ser feita não apenas por questões estratégicas, mas também pelo lado ambiental. O etanol é fonte de energia limpa e renovável, e contribui para melhorar o desempenho dos motores de veículos leves. Os custos de produção decresceram no Brasil, com os avanços tecnológicos e os saltos no tamanho das empresas do setor.

As montadoras, por sua vez, desenvolveram no Brasil motores capazes de utilizar gasolina ou álcool, ou qualquer mistura dos dois combustíveis. Assim, a demanda por etanol cresceu de maneira exponencial, a ponto de a oferta não acompanhar tal expansão. O resultado é que os preços do álcool hidratado temporariamente não estão competitivos em relação à gasolina na maior parte do país, devido a uma política interna que evita ajustes nas cotações de alguns derivados de petróleo. No entanto, como a maioria dos automóveis sai das fábricas equipados com motores flex, a "escassez" de etanol não tem sido um problema para os consumidores. O governo, por precaução, também reduziu o percentual de álcool anidro à gasolina.

Apesar das dificuldades na oferta interna, o Brasil exportou bem mais de 1 bilhão de litros de etanol em 2011. Para regular o mercado doméstico, chegou a importar o produto. Dos Estados Unidos.

Este é o cenário ideal para que o etanol se transforme efetivamente em uma *commodity* no mercado internacional. À medida que os dois maiores produtores (Estados Unidos e Brasil) negociarem o etanol sem barreiras comerciais expressivas, os demais países se sentirão mais seguros ao utilizar com substituto da gasolina, em parte ou integralmente.

No entanto, o aumento da produção de etanol no Brasil depende de ampliação do plantio de cana de açúcar em áreas consideradas degradadas por pastagens exauridas. Esta opção é boa para a Amazônia que terá essa *commodity* na sua cadeia produtiva sem alterar a vegetação nativa.

A campanha de convencimento que há anos a Unica — associação que reúne os produtores de açúcar e álcool de São Paulo e estados vizinhos — desenvolve deu

resultado nos Estados Unidos e o congresso americano não renovou as barreiras comerciais contra o produto importado. Brasil e EUA só têm a ganhar com essa liberalização. E o resto do mundo agradecerá.

PRODUZIR E PRESERVAR É POSSÍVEL

Os olhos do mundo se voltam para o Brasil quando o debate é sobre a necessidade de duplicar a produção de alimentos, pois a população do planeta somará 9 bilhões em 2050, segundo a ONU. Por que o Brasil? Certamente porque se leva em consideração o peso atual do nosso país: terceiro maior produtor de alimentos do mundo, primeiro produtor e exportador de açúcar, café, suco de laranja e álcool, e segundo principal produtor do complexo soja e de carne bovina. Mas o mundo olha também para o Brasil quando se debate o aumento de produção agrícola versus sustentabilidade, como se houvesse uma dicotomia entre ambas. É possível produzir e preservar.

O mundo precisa se informar melhor sobre a realidade do agronegócio brasileiro e suas ações em matéria de sustentabilidade. Temos a legislação rural ambiental mais exigente do mundo, áreas de preservação permanente e de reserva legal inexistentes em nossos concorrentes - Europa e Estados Unidos. O estado de Mato Grosso, principal produtor brasileiro de soja, tem 62% de áreas de vegetação nativa, 28,5% de pastagens, 7,8% destinados à agricultura. A área preservada em Mato Grosso corresponde aos territórios da França e da Bélgica juntos.

O Brasil é dos poucos países que desenvolvem o cultivo direto na palha e o controle biológico de pragas, práticas conservacionistas. Produzimos mais alimentos com menos recursos naturais: três safras na mesma área e no mesmo ano. Somos exemplo mundial em logística reversa: 98% das embalagens de defensivos são devolvidas para reciclagem. No aspecto do desenvolvimento aos poucos, o mundo toma conhecimento de que em cinturões da soja, como Sorriso, Sinop e Lucas do Rio Verde, em Mato Grosso o nível de qualidade de vida das comunidades é mais elevado do que em outras regiões do país.

Destaquem-se também outras duas razões importantes. Muitos dos seus produtos agrícolas têm modelos de negócio competitivos, como a soja e a cana-de-açúcar, graças à pesquisa e desenvolvimento tecnológico, bem como as melhorias na gestão do agronegócio.